

Desenvolvimento de mudas de *Glandularia sp.* Gmelin obtidas de estaquia

Caroline Chitolina de Campos¹ e Claudia Petry²

Introdução

Na elaboração de um jardim, percebe-se em geral o pouco uso de plantas nativas e de espécies nascidas espontaneamente, normalmente mais rústicas e ambientadas que a maioria das espécies exóticas. Segundo Silveira *et al.* [3] e Chamas & Matthes [2], este comportamento é herança da época colonial brasileira, onde havia poucas informações sobre o cultivo e manejo adequado de nossa flora. Ainda hoje esta falta de informação persiste tornando fundamental o estudo de mais espécies vegetais que compõem as diversidades locais. Entretanto, para Chamas & Matthes [2], a viabilização de uma planta para uso em paisagismo, inicia-se com o estudo de formas de propagação e características de comportamento em canteiro, como o preenchimento rápido de espaços, adaptabilidade, rusticidade e atração de fauna. Análises estas, importantes mesmo em plantas que apresentam atributos ecológicos e estéticos indiscutíveis em seu habitat.

Muito comum em terrenos baldios e “beiras de barrancos” na região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, a *Glandularia sp.* Gmelin, pertencente à família Verbenaceae, apresenta hábito prostrado, folhas de tom verde escuro e inflorescências violetas, tendo um uso ideal em paisagismo como forração. Em função do exposto, esta pesquisa teve por objetivo o estudo da viabilidade da produção por estaquia e do potencial ornamental desta espécie.

Material e Métodos

A. Local e Período

O estudo da propagação e potencialidade paisagística foi realizado no período de setembro de 2005 até abril de 2006, dentro das dependências do Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Setor de Horticultura da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, em Passo Fundo, RS.

B. Metodologia

Para avaliação da viabilidade da propagação por estaquia, em 29/09/05, coletou-se material de plantas localizadas em terrenos baldios no bairro Parque Farroupilha em Passo Fundo. As estacas coletadas foram submetidas a dois diferentes substratos: 1) casca de arroz carbonizada; e 2) substrato misto elaborado com solo mineral: composto orgânico: casca de arroz carbonizada na proporção 1:1:0,5; e cinco níveis de ácido indolbutírico (0, 150, 300, 450 e 600 ppm). Aos 40 dias após a implantação, fez-se a avaliação do experimento,

verificando o percentual de estacas enraizadas.

As estacas sobreviventes foram transferidas para saquinhos com o substrato misto elaborado com solo mineral, permanecendo em telado para rustificação por 29 dias. Após este período, foram plantadas no dia 06/12/05 em um canteiro experimental na UPF, medindo 4,64m², no sentido norte-sul a pleno sol e com adubação de 150g de NPK e 600g de calcário, para verificação do seu uso e potencial em paisagismo. Para isso, foram realizadas seis avaliações (dias 06/12/05, na implantação, e 23/12/05, 16/01/05, 25/01/06, 17/02/06 e 01/03/06, respectivamente aos 17, 41, 50, 73 e 85 dias após transplante) com medições do diâmetro e altura da planta, e número de plantas invasoras no canteiro, com vistas a avaliar a cobertura do canteiro por esta forração. Apenas nas primeiras cinco semanas da implantação do canteiro, as plantas foram regadas (uma a duas vezes por semana), permanecendo assim o restante do experimento, apenas com água das chuvas do período.

Resultados e Discussão

Observou-se com relação ao substrato, uma porcentagem maior de brotos, número de plantas enraizadas e maiores massas frescas e d'água da parte área, no substrato misto contendo solo mineral. As maiores doses de ácido indolbutírico apresentaram as maiores porcentagens de enraizamento e conseqüentemente menores porcentagens de estacas não enraizadas, permitindo assim concluir que tecnicamente o uso de ácido indolbutírico, principalmente na dose de 600ppm e o substrato misto elaborado com solo mineral, promovem maior enraizamento de estacas de *Glandularia sp.*

A análise em canteiro demonstrou o crescimento das mudas com grande emissão de estolões, com média de diâmetro de 49,03cm por planta aos 85 dias após transplante, apresentando fechamento de 90% do canteiro aos 85 dias e 100% a partir dos 105 dias após a implantação das mudas no mesmo (Fig. 1), mesmo com baixa adubação de base, sem adubação complementar e com regas apenas no início do crescimento. Resultados estes que evidenciam a rusticidade e adaptabilidade da planta. Entretanto, com relação à altura, não houve crescimento considerável, pois quando a planta emite um ramo, ele cai sobre o solo e inicia-se o crescimento horizontal com formação de raízes nos nós (estolões), confirmando segundo Burkart [1], o hábito prostrado da espécie. Quanto à presença de plantas invasoras em canteiro houve um grande surgimento inicial com rápida

1. Graduada em Ciências Biológicas – ICB - UPF. E-mail: caroliticampos@bol.com.br

2. Eng^a Agr^a Dr^a Prof^a FAMV - UPF. Passo Fundo, RS, cxb: 611, cep.: 99001-970

diminuição no aparecimento das mesmas, coincidindo com o aumento no diâmetro das mudas, resposta esta linear. Observaram-se também, visitas de lepidópteros (borboletas) nas inflorescências em horários mais quentes do dia, sendo a atração de fauna mais uma qualidade da espécie. Ainda, no local havia grande quantidade de formigas cortadeiras, entretanto estas não atacavam as plantas, utilizando o canteiro apenas como local de passagem. Dados estes que demonstram a grande aplicabilidade da *Glandularia sp.* em paisagismo e ajardinamento como forração e formação de maciços, principalmente em áreas públicas, áreas com situação de solo degradado e áreas em declive.

Referências

- [1] BURKART, A. 1979. **Flora ilustrada de Entre Rios (Argentina)**. Buenos Aires, AR: ISAG.
- [2] CHAMAS, C. C.; MATTHES, L. A. F. 2000. Métodos para levantamento de espécies nativas com potencial ornamental. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 6 n. 1/2 Campinas, SP.
- [3] SILVEIRA, R. B. de A.; et al. 1995. Avaliação do comportamento de *Diodia brasiliensis* Spreng. para utilização em paisagismo. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 1 n. 1, Campinas, SP.



Figura 1. Análise do crescimento da *Glandularia sp.*. A) estaca inicial; B) estaca enraizada; C) muda aos 51 dias após transplante; D) vista geral do canteiro aos 51 dias após transplante; E) vista geral do canteiro aos 85 dias após transplante; F) muda aos 85 dias após transplante; G) vista geral do canteiro aos 138 dias, em 17 de julho de 2006. (UPF, Passo Fundo, 2005/2006)